

**Danielle Helena Almeida Machado
Janaina Cazini
(Organizadoras)**



**O Fortalecimento da
Escola Inclusiva, Diversa
e com Qualidade no Ensino**

Danielle Helena Almeida Machado

Janaina Cazini

(Organizadoras)

O Fortalecimento da Escola Inclusiva, Diversa e com Qualidade no Ensino

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F736	O fortalecimento da escola inclusiva, diversa e com qualidade no ensino [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-604-1 DOI 10.22533/at.ed.041190309 1. Educação e Estado. 2. Educação especial. 3. Educação inclusiva. 4. Inclusão escolar. 5. Prática de ensino. I. Machado, Danielle H. A. II. Cazini, Janaina. CDD 371.9
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Educação Inclusiva*”, vem apresentar nos diversos artigos os argumentos e resultados de pesquisas de grandes autores que nobremente norteiam os aspectos condizentes a Educação Inclusiva. Dessa forma, traduz um viés das prerrogativas do ensino e aprendizagem dos docentes na performance das experiências com a educação inclusiva, a presença da psicopedagogia nas dificuldades escolares, as preocupações com a Educação Ambiental no garimpo e no campo, entre outras narrativas condicentes.

Desafios e oportunidades em todos as modalidades educacionais estão pautadas nas entrelinhas das publicações da Atena Editora, os capítulos apresentam estudos sobre a Educação Inclusiva, a Educação Ambiental e as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade.

A Educação Inclusiva é colocada a luz da reflexão social desde 1988 com a Constituição Federal Brasileira onde garante que a educação é um direito de todos e é dever do Estado oferecer Atendimento Educacional Especializado, preferencialmente na Rede regular de ensino. Que adequou as instituições, de maneira geral, a conjecturar estudos, metodologias como alternativas viáveis de inclusão educacional.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que são excluídos socialmente ou por suas deficiências físicas, ou por suas deficiências tecnológicas bem como a Modalidade de Educação a Distâncias e toda sua beneficie massiva e transformadora da pratica educacional, apresentando artigos que: refletem sobre a formação do Professor na perspectiva inclusiva; a Alternativa da Educação a Distância para suprir nas necessidades física, econômicas e sociais; Estudos de casos que apresentam desafios e soluções para os públicos em questão.

Os aspectos que norteiam a Educação Ambiental estão intimamente ligados aos processos educacionais de gestão que efetuam experiências e práticas educativas no desenvolvimento da prática sustentável no campo, no garimpo e das diversas áreas de difícil acesso do público que necessita atenção especial.

Ao que concerne as Políticas Públicas na esfera Inclusiva na Sociedade, refere-se na atuação da psicopedagogia frente às dificuldades de aprendizagem, a história e memória do sindicato dos trabalhadores, bem como, o papel da educação na sociedade referindo-se à formação dos educandos do ensino médio.

Para tanto, todas as práticas educacionais da Educação Inclusiva são imprescindíveis ao ensino e aprendizagem eficaz e satisfatório do educando. Os saberes estão correlacionados nas leis vigentes e nas práticas didáticas educacionais. Dessa forma, estima-se reportar à Educação Inclusiva como abrangente e competente.

Por fim, espera-se que este livro possa fortalecer e clarificar os leitores sobre as várias modalidades da Educação Inclusiva como força motriz para o desenvolvimento e a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A URGÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÁREAS DE GARIMPO NO NORTE MATO-GROSSENSE	
José Aldair Pinheiro Aumeri Carlos Bampi Edneuzza Alves Trugillo	
DOI 10.22533/at.ed.0411903091	
CAPÍTULO 2	6
EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA ESCOLA MUNICIPAL ANÍSIO TEIXEIRA – CURITIBA/PR	
Janaina Frantz Boschilia	
DOI 10.22533/at.ed.0411903092	
CAPÍTULO 3	10
LIXO MARINHO E A PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA NO MUNICÍPIO DE CANANÉIA, LITORAL SUL DO SÃO PAULO	
Daiana Proença Bezerra Valéria Ghislotti Iared	
DOI 10.22533/at.ed.0411903093	
CAPÍTULO 4	22
GESTÃO DE PROCESSOS EDUCATIVOS ESCOLARES: PONTOS E CONTRAPONTO SOBRE ORGANIZAÇÃO, SUJEITOS E PARTICIPAÇÃO NAS ESCOLAS DO CAMPO	
Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho Maria Jucilene Lima Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.0411903094	
CAPÍTULO 5	37
INSERÇÃO DO TRABALHO ACADÊMICO NO ENSINO BÁSICO DA ZONA RURAL RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Everton Aparecido Moreira de Souza Cremilson de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0411903095	
CAPÍTULO 6	41
NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: PARTILHANDO SABERES DOCENTE SOBRE CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO À REALIDADE DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SERRINHA-BA	
Maria Lúcia Anunciação Martins Juliana Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.0411903096	
CAPÍTULO 7	53
A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA COMO ALTERNATIVA PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Matheus Casimiro Soares Ferreira Lucas Casimiro Soares Ferreira Meubles Borges Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.0411903097	

CAPÍTULO 8 64

OS DESAFIOS PARA A OFERTA DO ENSINO NAS CLASSES MULTISSERVIADAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE DUTRA-BAHIA

Maiane Alves Machado
Maria Dorath Bento Sodré

DOI 10.22533/at.ed.0411903098

CAPÍTULO 9 76

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: OS SABERES CONSTRUÍDOS PELOS PROFESSORES A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS COM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA, EM DUAS ESCOLAS DE FORTALEZA

Daniel de Oliveira Perdigão
Ângela Martins de Castro
Mariana Lima Vecchio

DOI 10.22533/at.ed.0411903099

CAPÍTULO 10 81

PRÁTICAS E CONCEPÇÕES DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS SOBRE O ENSINO DE BIOLOGIA EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO EM IMPERATRIZ/MA

Darlan Morais Oliveira
Fernando Brasil Alves
Ana Amélia Coelho Braga
Fyama da Silva Miranda Gomes
Josidalva de Almeida Batista
Josiane Almeida Silva
Alcicleide Pereira de Souza
Maria José Costa Faria
Henrique Silva de Souza
Maria da Conceição Silva Cardoso
Jael Sanches Nunes
Teresinha Guida Miranda

DOI 10.22533/at.ed.04119030910

CAPÍTULO 11 85

EXISTE UNIDADE NAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS NO BRASIL?

Rubia Carla Donda da Silva
Viviani Fernanda Hojas

DOI 10.22533/at.ed.04119030911

CAPÍTULO 12 94

LITERATURA SURDA E O ENSINO DE LIBRAS: UM OLHAR PARA A CRIANÇA OUVINTE

Raylla Samara Pontes dos Santos
Aline de Fátima da Silva Araújo
Jéssica da Silva Ramos
Tamyres Soares Targino Muniz

DOI 10.22533/at.ed.04119030912

CAPÍTULO 13 108

MULTILETRAMENTOS, LIBRAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Adriana Moreira de Souza Corrêa
Natália dos Santos Almeida

DOI 10.22533/at.ed.04119030913

CAPÍTULO 14 120

NEAI E SUAS AÇÕES AFIRMATIVAS NO ENSINO SUPERIOR

Carla Imaraya Meyer de Felipe
Surama Lopes do Amaral
Rosielen Alves de Souza
Sergio Machado Morais Júnior
Ivandro Rafael Heckler

DOI 10.22533/at.ed.04119030914

CAPÍTULO 15 131

ENSINO-APRENDIZAGEM DE ELETRICIDADE PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pedro Arly de Abreu Paula
Gilberto Dantas Saraiva
Silvana da Silva Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.04119030915

CAPÍTULO 16 143

FOTOGRAFIA E CEGUEIRA: PARA ALÉM AS FRONTEIRAS DA COMUNICAÇÃO VISUAL

Ana Cláudia Dias Ribeiro
Aloir Pedruzzi Junior
Emi Silva de Oliveira
Caroline Alves Dias

DOI 10.22533/at.ed.04119030916

CAPÍTULO 17 152

O PAPEL DE DOCENTES E GESTORES ESCOLARES NA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Pedro Felipe da Costa Coelho

DOI 10.22533/at.ed.04119030917

CAPÍTULO 18 167

PRÁTICAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS/EXATAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL – REVISÃO DE LITERATURA

Darlan Morais Oliveira
Ana Amélia Coelho Braga
Josidalva de Almeida Batista
Josiane Almeida Silva
Alcicleide Pereira de Souza
Maria José Costa Faria
Henrique Silva de Souza
Maria da Conceição Silva Cardoso
Larissa Carvalho de Sousa
Patrício Francisco da Silva
Leide Cintia Vieira Silva
Cremilda Peres Cangussu de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.04119030918

CAPÍTULO 19	172
EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: O PAPEL DAS POLÍTICAS DE ENSINO MÉDIO NA FORMAÇÃO DE EDUCANDOS NO MUNICÍPIO DA AMAZÔNIA PARAENSE	
Afonso Welliton de Sousa Nascimento	
Francinei Bentes Tavares	
Yvens Ely Martins Cordeiro	
Alexandre Augusto Cals e Souza	
DOI 10.22533/at.ed.04119030919	
CAPÍTULO 20	185
PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES E PROFESSORES SOBRE OS FATORES QUE INFLUENCIAM NA APROVAÇÃO NO ENEM	
Raelma Medeiros Dantas	
Maria Genilda Marques Cardoso	
Iloneide Carlos de Oliveira Ramos	
Isauro Beltrán Núñez	
DOI 10.22533/at.ed.04119030920	
CAPÍTULO 21	197
A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Tiago Oliveira de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.04119030921	
CAPÍTULO 22	211
HISTÓRIA E MEMÓRIA DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE MORRO DO CHAPÉU-BA (1979-2015)	
Solon Natalício Araújo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.04119030922	
CAPÍTULO 23	226
POR UMA POÉTICA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS VISUAIS ENTRECruzANDO TEMPOS E ESPAÇOS	
Roberto Lima Sales	
Mariane Freiesleben	
DOI 10.22533/at.ed.04119030923	
CAPÍTULO 24	238
FORMAÇÃO HUMANA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: TRAÇOS DE UMA RELAÇÃO QUE DESAFIA O PROFISSIONAL PROFESSOR	
José Robério de Sousa Almeida	
Maria Elizomar de Almeida e Silva Sousa	
Lia Hebe Gonçalves de Lima Oliveira	
Maria Josenir da Silva Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.04119030924	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

POR UMA POÉTICA DA MEMÓRIA: NARRATIVAS VISUAIS ENTRECruzANDO TEMPOS E ESPAÇOS

Roberto Lima Sales

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins (IFTO)
Paraíso do Tocantins - TO

Mariane Freiesleben

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Tocantins (IFTO)
Paraíso do Tocantins - TO

RESUMO: Esse estudo trata da relação entre arte, memória e espaço geográfico e objetivou compreender e evidenciar as potencialidades educacionais de um projeto de extensão, vinculado ao IFTO - Campus Paraíso. Desde sua implantação, o referido projeto parte de uma ação interdisciplinar, nos bairros periféricos da cidade de Paraíso do Tocantins - TO, com o intuito de ampliar a aproximação entre estudantes, escola e comunidade para, assim, promover uma prática pedagógica de ensinar e de aprender por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e o espaço urbano como mediadores. Esse trabalho baseia-se nas perspectivas dos estudos de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), Halbwachs (2004) e Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b). A metodologia desta pesquisa organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, tendo como lócus da pesquisa o espaço urbano e como

sujeitos investigados jovens, em situações de vulnerabilidade social, que frequentam o ensino médio, no IFTO - Campus Paraíso, e alguns cidadãos membros da comunidade. Os resultados dessa pesquisa apontam que os estudantes participantes do projeto, aos poucos, estão tornando-se capazes de (re)significar e (re)escrever a história do seu próprio tempo e espaço, ao passo em que aprendem e ensinam criticamente, articulando o passado no novo, um passado atualizado como experiência, o qual se revela como revitalização, dignificação e humanização da memória. Em suma, evidencia-se novos caminhos metodológicos que podem contribuir para uma educação interdisciplinar para/pela memória que se destaque como desveladora dos espaços e das tramas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Arte. Memória Coletiva. Espaço Urbano. Narrativa.

FOR A POETIC OF THE MEMORY: VISUAL NARRATIVES INTERSECTING TIMES AND SPACES

ABSTRACT: This study treats of the relation among art, memory and geographical space and it aimed to understand and to evidence the education potentialities of an extension project, linked to IFTO - Campus Paraíso. Since its implantation, this project part of an interdisciplinary action, in the outlying areas of

the city of Paraíso do Tocantins – TO, in order to broaden the approach among students, school and community to promote a pedagogical practice of teaching and learning through the dialogue between generations, with the visual arts, the collective memory and the urban space as mediators. This work consists in the perspectives of the studies of Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), Halbwachs (2004) and Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b). The methodology of this research was organized from an exploratory study of qualitative nature, having as a locus of research the urban space and young people as investigated subjects, in social vulnerable situations, who attend the high school, in IFTO – Campus Paraíso, and some citizens members of the community. The results this research verify that the students of the investigated extension project, gradually, they are becoming able to (re)signify and (re)write the history of your own time and space, simultaneously they learn and teach critically, articulating the past in the new, a update past as an experience, which reveals as revitalization, dignification and humanization of the memory. In brief, the study shows new methodological ways that can contribute to an interdisciplinary education to/by memory that stands out as unveiling of the space and social plots.

KEYWORDS: Education. Art. Collective Memory. Urban Space. Narrative.

1 | INTRODUÇÃO

No intuito de contribuir com pesquisas voltadas para o contexto do ensino interdisciplinar, em especial as práticas didáticas que se processam na relação entre artes visuais, memória coletiva e espaço geográfico, objetivou-se, neste estudo, compreender e evidenciar as potencialidades educacionais de um projeto de extensão à comunidade, intitulado “Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte”, vinculado ao IFTO - Campus Paraíso do Tocantins.

Diante deste objetivo, esse estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, tendo como estudo de caso o projeto de extensão supracitado. Como público-alvo, foram selecionados alguns estudantes do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio do IFTO - Campus Paraíso do Tocantins. Alguns membros da comunidade e professores também atuaram como participantes da pesquisa.

Em relação ao Projeto de extensão “Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte”, vale destacar que trata-se de um projeto, coordenado pelo professor Roberto Lima Sales, que procura estabelecer redes de conexões entre a escola e a comunidade, para, assim, trabalhar um conjunto de ações que visam ampliar o ingresso da arte nas comunidades mais carentes. Tal projeto foi implantado como atividade de extensão em março de 2016, tendo como objetivo geral ampliar a aproximação entre estudantes, escola e comunidade para, assim, promover uma prática pedagógica de ensinar e de aprender por meio do diálogo entre gerações, tendo a arte visual, a memória coletiva e o espaço urbano como mediadores.

Esse projeto procurou capacitar, estimular e provocar os jovens participantes

a produzirem obras artísticas que dialogam com suas memórias individuais, com a memória coletiva de sua comunidade, com o espaço urbano e com o cotidiano, ao mesmo tempo em que tentam responder, refletir e materializar plasticamente as seguintes questões: “Quem sou eu?”, “Onde estou?”, “Qual é o meu lugar?”, “Eu o conheço?”, “O que de especial tem em meu lugar e nas memórias de minha comunidade?”, “Como eu percebo meu espaço e minhas memórias?”.

O referido projeto de extensão parte da estratégia pedagógica de apropriar-se de narrativas visuais, enquanto materialidade plástica e recurso capaz de evocar memórias e possibilitar leituras críticas de uma realidade histórica de uma dada comunidade. A proposta do projeto consiste em envolver estudantes com o cotidiano da vida de alguns membros de sua comunidade, de forma a provocar esses jovens a estabelecer uma maior interação e uma significativa troca de saberes e de experiências, para assim, ampliar suas percepções em relação a sua realidade local e de mundo, bem como ampliar suas competências e habilidades em relação à aprendizagem de artes, de história, de geografia, dentre outras disciplinas.

Diante desta perspectiva, a prática educativa desta investigação constituiu-se nas perspectivas do diálogo-problematizador de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b). Enquanto que o estudo da memória parte das fundamentações de Halbwachs (2004), em referência a memória coletiva. Já a relação entre arte, memória e espaço urbano, articulada nessa pesquisa, toma como base teórico-metodológica as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) à luz da sua concepção de que a memória constitui-se de um passado atualizado como experiência, tendo a estética e a poética como mediadoras.

2 | ARTE, MEMÓRIA E ESPAÇO À LUZ DAS PERSPECTIVAS FREIRIANA, BENJAMINIANA E HALBWACHSIANA

Para refletir sobre práticas inovadoras de educação numa perspectiva mais libertadora, autônoma e dialógica para o ensino interdisciplinar, buscamos suporte nos estudos de Paulo Freire (1996, 2011a, 2011b), o qual propõe a educação como meio de liberdade em que o professor e o estudante são os autores do processo de ensino e aprendizagem, e não meros sujeitos aptos e programados para reproduzir e consumir.

Nessa ótica, o autor aponta e reforça a necessidade do exercício da cooperação, compartilhamento e autonomia no processo ensino-aprendizagem. Para ele, a educação para o diálogo deve ser impactante para os envolvidos. Assim, é essencial que seja mediada de forma problematizadora. Nesse sentido, é importante destacar que problematizar é exercer uma análise crítica sobre a realidade-problema (FREIRE, 2011b. p. 229).

Em suma, Freire (2011a, 2011b) defende uma proposta de pedagogia libertadora que assume o sujeito como protagonista de sua própria história e de sua emancipação, na medida em que a educação torna-se problematizadora ao ponto de romper os

obstáculos que impedem os sujeitos oprimidos de compreenderem sua realidade vivida e de se libertarem. Segundo Freire (2011b), a superação dessa situação se faz pela conscientização histórica do sujeito, o qual torna-se capaz de reconhecer e ampliar sua existência histórica, estabelecendo, dessa forma, uma relação dialógica com o outro e com o mundo.

Em consonância com a perspectiva pedagógica libertadora e problematizadora de Freire (2011a, 2011b), temos as perspectivas de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b) que propõe o repensar crítico de valores ideológicos de forma a revisitar nossas memórias e resgatar do esquecimento os valores que podem fazer de nossa história outra história capaz de nos levar ao encontro com nossas verdades. Nesse sentido, os fragmentos de memória evocados podem trazer a tona um passado que a história oficial enterrou, para que dessa forma seja celebrado os feitos dos sujeitos oprimidos, em contraposição a glorificação da vitória dos vencedores sobre a tradição dos vencidos. Benjamin (1993a, 1993b) tece essas reflexões ao mesmo tempo em que propõe um novo caminho para a reconstrução da história por meio de uma narrativa “a contrapelo”, do ponto de vista dos vencidos e em oposição a ideologia do vencedor.

Benjamin (1984, 1993a, 1993b) busca outra relação entre passado e presente, que rompe com a história linear. Para isso propõe uma outra interpretação da história em contraposição a leitura contemplativa do passado, para que se possa compreender o passado como um vínculo entre cidadãos que se conectam por gerações, ou seja, um passado que se atualiza como experiência no “agora”, que apresenta-se como memória evocada, uma espécie de palimpsesto no qual se inscreve as marcas de escritas anteriores.

Benjamin (1984, 1993a, 1993b) compreendeu que na época moderna prevalece a ideologia alicerçada pelo capitalismo, a qual instala um processo de individualização do sujeito e quebra das relações interpessoais. Como consequência, a sociedade está perdendo sua capacidade de ensinar valores morais por meio do intercâmbio de experiências. Os indivíduos tornam-se cada vez mais alheios aos seus valores tradicionais, ao ponto de substituí-los por relações comerciais e por bens materiais. E, assim, os cidadãos mais antigos não encontram mais espaços e oportunidades para contar as histórias dos seus feitos e, dessa forma, transmitir seus conselhos, suas experiências e seus ensinamentos às novas gerações.

Diante desta problemática, Benjamin (1984, 1993a, 1993b) adota o espaço urbano como cenário para refletir e apontar caminhos para a recuperação dos sentidos na modernidade. Em sua compreensão, o espaço urbano é o lugar de entrecruzamento entre a fluidez e a rapidez, entre as tradições e as culturas, onde o sujeito pode assumir o protagonismo de sua vida. Para isso, Benjamin concebe a narrativa como um ato de “narrar o tempo”, de forma a explorar um tempo denso e descontínuo de uma historicidade que não pertence ao tempo homogêneo e vazio. E para isso, é imprescindível o intercâmbio entre os tempos e espaços do narrador e seus ouvintes, de modo a entrelaçar vidas a partir de conexões entre passado, presente e futuro.

Benjamin (1993a, 1993b) procura unir o poder da narrativa ao potencial crítico da arte. Ele sugere a politização da arte como forma de contribuir para formação de uma consciência revolucionária e para a elaboração de novas realidades. Este filósofo afirma que a arte pode cristalizar o tempo de forma não-linear e desvinculá-lo do poder do capital para assim confrontar o passado oprimido e ressignificá-lo em um presente inovador e um futuro onde seja possível formar uma sociedade mais humana, solidária e livre.

Vale ressaltar que, com base nas perspectivas de Benjamin (1984, 1993a, 1993b), o projeto de extensão, explorado nessa pesquisa, trabalha com o termo “Narrativas visuais” para expressar as obras artístico-visuais que foram produzidas em autoria coletiva (envolvendo estudantes, professores e membros de sua comunidade). Desse modo, todos os autores das obras artísticas atuaram como protagonistas, criando obras inspiradas nas histórias de vida, nas histórias dos espaços geográficos da cidade, nas percepções e nas interpretações de memórias evocadas por meio de lugares, de fotografias de acervos pessoais e demais objetos de lembranças pessoais. Destaca-se que as produções das narrativas visuais foram fundamentadas pelo método da montagem de Walter Benjamin (1984, 1993a, 1993b), que, segundo o qual, toma-se como base as técnicas de bricolagem das vanguardas artísticas, das primeiras décadas do século XX, para propor uma nova forma de narrar por meio de fragmentos de imagens que transitam entre memórias, realidade e imaginário, justapondo tempos e espaços para produzir novas experiências e percepções críticas da sociedade. Sob esta perspectiva, o tempo pode ser lido por meio de montagens e de imagens não-lineares e não-cronológicas. Neste aspecto, a arte apresenta-se como recurso potente para retermos o tempo e vislumbrarmos modelos alternativos, capazes de romper com a representação progressivo-linear que captura e domina o sujeito na homogeneidade espaço-temporal. Nesse sentido, Didi-Huberman (2007) alerta que:

É, pois, o tempo mesmo que se torna visível na montagem de imagens. Corresponde a cada qual – artista ou sábio, pensador ou poeta – converter tal visibilidade na potência de ver os tempos: um recurso para observar a história, para poder manejar a arqueologia e a crítica política ‘desmontando-a’ para imaginar modelos alternativos (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 7).

Diante do exposto, entende-se que no método da montagem de Benjamin deve prevalecer a coexistência de temporalidades que se traduzem como a correlação de modos de experimentar e viver o mundo.

Em virtude dos fatos até aqui mencionados, percebe-se a importância do papel da memória na construção e na afirmação das identidades coletivas e no poder de influenciar a recuperação de valores tradicionais, morais, humanos e afetivos de uma comunidade. Nesse aspecto, compreende-se a importância de tecermos uma breve reflexão sobre a concepção de memória.

Conforme Halbwachs (2004), pensamos por associação, nossa memória não é

construída individualmente. Em nossa mente funciona uma rede de pensamentos, que interligam as lembranças, que se entrecruzam e que são recuperados de acordo com as ideologias e o entorno social em que o indivíduo está inserido no momento em que precisa recuperar alguma informação. As lembranças, portanto, não são formadas individualmente, visto que é “impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2004, p. 10). As lembranças de um indivíduo sempre estão ligadas a uma relação com o seu grupo social, não existem fora dele. (HALBWACHS, 2004).

Para Halbwachs (2004), a memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva, este ponto de vista varia de acordo com as relações que cada indivíduo estabelece com os outros e com os meios. Somos inspirados por outros indivíduos, por outros grupos, por jornais, revistas, entre outros. Logo, o artista pode apreender sua produção não somente pela escala estética, mas também pela escala social, espacial e histórica, por via de uma autoria coletiva.

3 | METODOLOGIA

Esta pesquisa organizou-se a partir de um estudo exploratório de natureza qualitativa, utilizando o estudo de caso como técnica de pesquisa. Para a coleta de dados definiu-se instrumentos que atendessem ao contexto da pesquisa. Nesse sentido, elegeu-se os seguintes instrumentos: diário de campo e roda de conversa.

Os dados investigados foram obtidos a partir dos enunciados extraídos de interações em oficinas artísticas, em rodas de conversas e em demais práticas da pesquisa de campo. As produções artístico-visuais e as narrativas textuais, orais e visuais por elas evocadas também constituíram-se como fontes para a investigação.

Como público-alvo foram selecionados jovens estudantes, em situações de vulnerabilidade social, que frequentam o ensino médio integrado ao ensino técnico, no IFTO - Campus Paraíso, e alguns cidadãos membros da comunidade. Vale ressaltar que foram atribuídos nomes fictícios aos participantes da pesquisa para preservar suas identidades.

Em relação ao trabalho de campo, avançamos neste estudo motivados pela possibilidade de educar para/pela memória. Com este propósito procurou-se sensibilizar os educandos a estabelecer uma ponte entre a realidade escolar e a comunitária, tornando a arte, a história e a geografia mais próxima de suas realidades, por meio do conhecimento e da valorização da herança cultural e dos saberes locais dos moradores mais velhos. E para que esta ação fosse capaz de “tocar” a memória e passar a vigorar no cotidiano da comunidade escolar foi fundamental a participação ativa de alguns dos cidadãos, em especial os velhos narradores, pioneiros da cidade e guardiões de memórias locais.

Para a análise dessa proposta realizamos uma prática pedagógica de produção, compartilhamento e troca de narrativas imagéticas e orais, que se estruturou na promoção e validação de 12 oficinas, com duração total de 60 horas. Onde, 16 (dezesseis) estudantes foram capacitados em produções fotográficas, em desenhos e em pinturas com ênfase em montagens e bricolagens, bem como em operar o software de edição de imagens Photoshop e Gimp. Além disso, os estudantes também participaram de oficinas teórico-práticas que abordaram a relação entre arte, memória e espaço geográfico, à luz dos principais teóricos desse estudo (Freire, Benjamin e Halbwachs).

Com esta meta, o estudo se organizou nas seguintes etapas: 1 – capacitação dos estudantes participantes e estudos da teoria que fundamentou o experimento pedagógico; 2 – promoção de interações dialógicas entre os estudantes e a sua comunidade no intuito de fortalecer o elo afetivo e buscar desvelar memórias e lembranças individuais e coletivas; 3 – realização de uma oficina para os estudantes no intuito de promover: a sistematização do material coletado, a definição dos temas e das categorias, e o planejamento da produção das narrativas visuais; 4 – participação dos estudantes em estudos e debates via ferramentas virtuais (redes sociais, fóruns e FAQs); 5 – envolvimento dos estudantes e dos narradores colaboradores na elaboração de ideias, de estratégias e da produção coletiva de narrativas visuais, via encontros presenciais ou virtuais; 6 – promoção de oficinas para os estudantes no intuito de realizar a leitura crítica e a ressignificação das obras elaboradas, bem como o compartilhamento e a exposição das obras para a comunidade; 7 – análise de impacto da experiência pedagógica do projeto por parte dos estudantes e dos membros da comunidade envolvidos.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise que se segue, escolhemos investigar uma das obras visuais produzidas pelos estudantes/artistas participantes dessa pesquisa. Assim, apresentamos a obra “Contos e causos de uma velha rodoviária”, de autoria de Michael, Naty, Pedro e Ana (2016).



Figura 01 - Narrativa visual “Contos e causos de uma velha rodoviária” (2016)

Fonte: Arte digital e desenhos elaborados pelos autores Michael, Naty, Pedro e Ana.

Fotografia de Cleber Moraes

Os referidos autores dessa narrativa visual (figura 01) relatam que a produção dessa obra foi inspirada nas histórias que seus pais e avós contaram sobre suas vivências no espaço-tempo da velha rodoviária. Essa obra visual foi produzida a partir da montagem de recortes de uma fotografia da “Pensão Rodoviária” da cidade de Paraíso do Tocantins - TO (de autoria do fotógrafo, historiador e engenheiro paraísense Cleber Moraes, datada do ano de 1975) e de desenhos feitos à mão livre (pelos próprios estudantes/artistas) que foram recortados e colados no plano visual.

Dentre esses desenhos manuais, temos a representação de crianças brincando no entorno da antiga rodoviária e também temos a representação do progresso que foi expressa pela imagem de um emaranhado de prédios modernos que crescem em várias direções e aos poucos vão abafando e consumindo os velhos prédios e suas memórias. Na obra visual, nota-se a imagem dos prédios modernos, logo acima do velho prédio da rodoviária.

Segundo os estudantes/artistas, as imagens das crianças representam alguns dos seus pais e avós, ainda no tempo de suas infâncias. No canto inferior esquerdo da obra, percebe-se a imagem de uma menina sentada sobre suas malas, lendo um livro. Essa é a imagem do tempo de criança de Dona Josefa, mãe de Ana, uma das autoras dessa obra visual. Esta senhora colaborou com várias histórias de suas passagens pela antiga rodoviária, quando acompanhava seu pai em viagens a negócios. Ela nos contou histórias de diversos trabalhadores que embarcavam para outros destinos e deixavam na cidade a sua contribuição para o processo de fundação e construção do município de Paraíso do Tocantins.

Sob outro ângulo, percebe-se a imagem de duas crianças recebendo doces de

um velho senhor. Estas são as representações do tempo de infância de “Seu José”, pai de Michael e de “Seu João”, pai de Pedro. Estes senhores relembram o tempo em que frequentavam a rodoviária com seus pais e ganhavam balinhas e doces do velho senhor proprietário da lanchonete da rodoviária. Enquanto degustavam os doces, “Seu José” e “Seu João” brincavam e ouviam os contos e os causos das pessoas que passavam pela rodoviária. As narrativas de Dona Josefa, de “Seu José” e de “Seu João” transitaram pelas memórias do eu-criança de cada um, e assim, as bagagens de suas experiências foram revisitadas. Como resultado, fragmentos de memórias foram evocados e muitas histórias foram narradas. Histórias de trabalhadores, de pessoas humildes e batalhadoras que muito contribuíram para construir a cidade. Histórias de líderes comunitários que lutaram por condições mais dignas de vida e de trabalho para o seu povo. Porém, alertam esses narradores, “essas histórias de luta e de superação do nosso povo estão na beira do esquecimento” (Dona Josefa, 2016), “muitos, que aqui deixaram o seu legado, foram esquecidos” (Dona Josefa, 2016) e assim, “mais uma vez, a história do povo é enterrada para dar lugar a história dos dominantes” (Seu João, 2016).

Diante dessa breve descrição da narrativa visual “Contos e causos de uma velha rodoviária”, enfatiza-se que todas as obras visuais, produzidas por Ana, Naty, Michel e Pedro, incorporaram as múltiplas vozes do povo de sua comunidade para que, assim, possa ser ecoado as diversas histórias de vida, em meio a dicotomia entre a história dos dominantes e a história dos dominados. Nesse sentido, à luz da perspectiva de Benjamin (1984, 1993a, 1993b) e Freire (2011a, 2011b), seguiu-se na construção de uma outra história, que não se constitui apenas por fatos, mas que se forma também por cidadãos capazes de escrever sua própria história, de contraporem-se à ideologia de seus opressores e de libertarem-se da história contada pelos dominadores.

Nesse sentido, a obra visual “Contos e causos de uma velha rodoviária” é uma amostra de um conjunto de obras visuais (produzidas pelos estudantes) que constituíram-se como narrativas visuais repletas de discursos (contestadores de uma ideologia dominante) que apossam de um mesmo espaço urbano para revelar as diversas histórias e fragmentos de memórias, de tempos e de espaços distintos, que residem em cada sujeito. As muitas “rodoviárias” do imaginário coletivo se concretizaram em narrativas visuais e orais que procuram subverter a lógica capital e globalizante, para assim questionar e colocar em debate a forma como os espaços sociais estão sendo desapropriados dos valores identitários, históricos e culturais.

Em outro aspecto, percebe-se, na obra visual, elementos que nos reportam para uma época em que a primeira rodoviária da cidade constituía-se como um espaço para além de sua função-fim. De forma que a rodoviária é narrada não somente como um lugar de transporte de pessoas, mas também como um lugar de encontros para prostrar, como lugar de entretenimento, de brincadeiras, de aconchego, de sabores e de saberes de uma comunidade. Algumas narrativas orais dos estudantes também manifestam sentimentos de afetividade e de pertencimento para com o lugar e o seu

povo, a saber:

A velha rodoviária de Paraíso sempre fez parte das histórias de minha família e do meu povo. Eles contam histórias de uma rodoviária que funcionava também como um ponto de encontro dos moradores da comunidade. Lá, também era o ponto para tomar um cafezinho, bater papo, comer um 'pastelzinho da rodoviária' e contar os feitos do meu povo. (Estudante Michael, 2016).

Pela velha rodoviária passaram muitas histórias de muitos trabalhadores que construíram essa cidade e educaram muitos jovens. Assim como a velha rodoviária, muitas dessas histórias dos feitos do nosso povo foram demolidas [...] resta a nossas memórias a missão de desenterrá-las. (Estudante Naty, 2016).

Hoje em dia meu pai ainda me conta muitas histórias de sua passagem pela velha rodoviária. Ele relembra de muitas histórias de um povo trabalhador e lutador, que ergueu esta cidade [...] mas essas histórias não foram registradas em livros, nem em arquivos públicos, elas estão parcialmente escritas somente nas lembranças do meu pai e de alguns outros. (Estudante Pedro, 2016).

Nesse sentido, ressalta-se que grande parte das memórias e das histórias da antiga rodoviária, foram evocadas por meio das lembranças do tempo de infância, lembranças estas que se constituíram num trabalho de autoria coletiva que se processou na interação dialógica, na troca de narrativas e no entrelaçamento de sentidos. Neste processo, pensamentos são conectados, lembranças são relacionadas e recuperadas de acordo com o contexto e com a interação interpessoal, e assim percebemos que as lembranças não são formadas individualmente, dependem da interação com lembranças alheias (HALBWACHS, 2004). É neste sentido que a imagem, enquanto instância de uma interação social, “revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”. (LE GOOF, 2003, p. 466).

Percebe-se que por meio da obra visual, cada um dos seus autores questiona sua própria existência em meio à cidade que, cada dia mais, passa a adquirir uma dinâmica em que a relação tempo/espço estreita as distâncias e acelera e pressiona a vida contemporânea. A obra visual, enquanto narrativa, causa ruídos no percurso que a cidade traça para o futuro, ao questionar a existência humana e a qualidade de vida, em favor de uma vivência sensível. A obra converte-se em uma poética e narrativa espaço-visual que procura dar um novo significado as histórias do povo e a lugares que, atualmente, não existem mais em sua forma material/física, mas ainda existem na memória coletiva de uma comunidade e passam a ser evocados, percebidos e materializados, oral e plasticamente, como novos/espços ainda repleto de mistérios/novidades.

É como nos diz Naty (2016), “assim como a velha rodoviária, muitas dessas histórias dos feitos do nosso povo foram demolidas [...] resta a nossas memórias a missão de desenterrá-las”. As reflexões de Benjamin ecoam na voz dessa estudante, quando expressa uma nova forma de reconstruir a história em que a dominação da vida atual seja desmascarada e revelada, desconstruindo, assim, a imagem de um tempo engessado e combatendo a visão da história dos opressores.

Sob a ótica benjaminiana e freiriana, os jovens procuraram narrar, desenhar e

reescrever fragmentos de histórias de um passado que foi atualizado no momento presente sob uma espiral da libertação de esperanças oprimidas do presente-passado. Consequentemente, essa atitude e ação gerou uma prática histórica que despertou percepções da realidade, do poder dos vencedores na sociedade e das possibilidades de superar essa realidade por meio de uma consciência histórica (FREIRE, 2011a, 2011b) e revolucionária (BENJAMIN, 1993a), que se molda em meio a construção social da memória (HALBWACHS, 2004) e a emancipação do sujeito, enquanto protagonista da transformação de si próprio e do mundo.

Portanto, evidencia-se a relevância de um processo ensino-aprendizagem que se faz contextualizado e interdisciplinar, em meio à autoria coletiva dos seus protagonistas (estudantes, professores e comunidade), os quais incorporaram na obra de arte e no espaço urbano os seus múltiplos olhares e significados que procuraram celebrar a sensibilidade da memória tal como ela se encontra, como um mosaico, ou um texto escrito por muitos autores, no qual diferentes sentidos, lembranças e vivências tem o seu espaço e a sua importância.

5 | CONCLUSÃO

Nesse estudo, constatou-se que os sujeitos participantes desse projeto de extensão adquiriram competências no sentido de serem capazes de se apropriarem dos conhecimentos artísticos, geográficos, históricos, linguísticos, dentre outros, para assim articulá-los em prol de aprender e ensinar criticamente, vinculando o passado no novo.

Nesse sentido, os resultados que estão sendo adquiridos no projeto de extensão supra analisado alimentam a esperança de que é possível que a arte visual, a memória e o espaço geográfico se façam presentes nas estratégias educacionais e interdisciplinares, dialogando com os saberes formais e informais que permeiam a escola e a comunidade.

A experiência pedagógica desse projeto de extensão despertou múltiplas vozes, que ecoaram e formaram uma polifonia poética e mnemônica capaz de ressignificar o velho no novo, um passado atualizado como experiência, que se revela não como monumentalização do tempo, mas como revitalização e humanização da memória de sujeitos, oriundos de uma comunidade carente, que, aos poucos, estão tornando-se capazes de (re)escrever uma nova história. São vozes que narram histórias nunca antes relatadas de um povo carente de recursos financeiros, mas rico em saberes da experiência e dignos de reconhecimento social.

As imagens representadas na obra “Contos e causos de uma velha rodoviária” (e nas demais obras produzidas neste experimento) evidenciam o conhecimento, o significado e as marcas de uma cidade, de lugares de memória e de um povo paraisense com suas peculiaridades próprias, com imagens pretéritas próprias (de um tempo lento e não-linear). Eis uma produção de arte que se reinventa como obra que

narra e é narrada, que se hibridiza na relação entre arte e vida, entre arte e cotidiano, entre imagem e tempo, entre tempo e espaço, formando, assim, uma “imagem cristal” onde coabitam temporalidades que se traduzem como a coexistência de modos de experimentar e viver o mundo.

Portanto, impulsionamos modos contemporâneos de narrar, ao ponto de desestabilizar sentidos já construídos. Numa perspectiva benjaminiana, faz-se necessário formar um narrador adaptado a estas novas configurações da sociedade contemporânea, de forma que este seja capaz de se apropriar do seu conhecimento, de suas experiências e de suas habilidades artísticas e técnicas, fazendo uso das linguagens e tecnologias midiáticas que lhe são oferecidas, para produzir, sistematizar e tornar pública, narrativas, carregadas de experiências, saberes, tradições e rituais de nossa cultura, reafirmando, dessa forma, as memórias produtoras de identificação histórica, social e cultural.

Em suma, evidenciou-se novos caminhos metodológicos que podem contribuir para uma educação interdisciplinar para/pela memória que se constitua em meio a uma ação na comunidade, essencialmente artística, geográfica, histórica, cultural e humana e que se destaque como desveladora dos espaços e das tramas sociais.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Obras escolhidas I: magia e técnica; arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993a.

_____. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1993b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Storia dell'arte e anacronismo delle immagini**. Torino: Bollati Boringhieri, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 40 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática para a liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011b.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 2003.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 2003. p. 7-28.

SEPÚLVEDA, Myrian dos Santos. **Memória coletiva teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Danielle Helena Almeida Machado - Graduada na Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e Inglesa. Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Secal (Sociedade Educativa e Cultural Amélia). Especialista em Docência do Ensino Superior pelo Esap (Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação). Pós-Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade São Braz. Pós-Graduada em Qualidade Pública e Responsabilidade Fiscal pela Faculdade São Braz. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoologia, Teoria Literária, Língua Portuguesa e Inglesa. Na área da Indústria possui experiência de Interpretação de Textos Técnicos em Português e Inglês, Gestão de Recursos Humanos, Gestão de Produção e Gestão Industrial no SENAI/ PG (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial)

Janaina Cazini - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema Fiep, Conselheira da Gestão do Clima, Co-fundadora do ProPcD – Programa de Inclusão da Pessoa com Deficiência no Mercado de trabalho. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 88, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 135, 161, 162
Aprendizagem 6, 24, 31, 34, 41, 44, 46, 47, 49, 58, 63, 65, 66, 68, 72, 83, 88, 103, 104, 105, 106, 108, 112, 120, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 140, 142, 144, 154, 155, 156, 160, 168, 187, 188, 189, 191, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 228, 236, 238, 240, 253

D

Deficiência visual 122, 124, 127, 128, 131, 132, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 152, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 168, 171

Desenvolvimento humano 69, 238, 252

Dificuldade de aprendizagem 201, 204, 207, 209

Docente 23, 24, 31, 32, 37, 41, 43, 49, 50, 62, 68, 70, 75, 76, 80, 105, 108, 110, 112, 113, 115, 129, 133, 134, 153, 158, 160, 162, 183, 199, 204, 238, 239, 244, 246, 249, 251, 252

E

Educação ambiental 1, 2, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 20, 21, 72

Educação básica 33, 38, 46, 51, 52, 67, 71, 72, 75, 84, 86, 87, 93, 133, 141, 153, 155, 164, 167, 168, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 197, 198, 199, 201, 208, 238, 239, 244, 251, 252

Educação inclusiva 76, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 88, 92, 103, 105, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 133, 135, 136, 142, 158, 164, 165, 205

Educação no campo 37, 65, 66, 74

ENEM 9, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Ensino-aprendizagem 31, 58, 66, 83, 104, 105, 106, 112, 123, 191, 197, 201, 202, 204, 205, 208, 228, 236

Ensino fundamental 6, 12, 13, 23, 24, 25, 33, 66, 70, 71, 72, 74, 76, 86, 118, 142, 152, 153, 154, 156, 157, 161, 165, 169, 172, 209

Escolas do campo 25, 27, 30, 31, 33, 34, 42, 46, 48, 49, 51, 64, 65, 66, 67, 72, 74

Estudante 49, 58, 90, 123, 124, 125, 126, 185, 190, 191, 194, 228, 235

F

Formação docente 24, 41, 43, 110, 238, 239, 244, 246

Formação humana 24, 26, 41, 42, 47, 59, 115, 238, 239, 240, 244, 245, 246, 248, 251

G

Gestor escolar 161, 201

M

Memória 45, 47, 50, 113, 143, 147, 148, 212, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237

Multiletramento 110

P

Pessoas com deficiência 80, 87, 92, 120, 121, 125, 135, 146, 154, 155, 159, 166

Políticas Públicas 35, 48, 52, 56, 67, 68, 69, 70, 74, 80, 85, 93, 121, 123, 125, 149, 153, 154, 163, 165, 173, 179, 180, 184, 240, 241

Professor 13, 37, 38, 39, 46, 50, 65, 76, 79, 80, 82, 83, 100, 104, 105, 113, 115, 133, 134, 135, 136, 140, 148, 156, 159, 160, 164, 189, 200, 201, 203, 205, 227, 228, 238, 239, 240, 246, 247, 248, 249, 250

Psicopedagogia 197, 204, 209, 210

S

Surdo 82, 83, 85, 87, 88, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 147

Sustentabilidade 2, 6, 10, 11, 20, 47, 51

T

Tecnologia assistiva 120, 124, 127

Trabalhadores rurais 25, 35, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

V

Violência nas escolas 9, 238, 244, 245, 246, 247, 248, 251

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-604-1

